

## Peixes nativos cedem lugar a novas espécies

A Gazeta - ES  
09 de Setembro de 2004

Os pescadores mais antigos do Rio Doce estão espantados com o aparecimento de várias espécies de peixes que não são nativas da bacia do manancial. Nas pescarias o robalo e a tainha estão sendo substituídos por espécies totalmente estranhas à fauna local. Uma delas é o bagre-africano, que se prolifera de forma acelerada.

A relação de espécies exóticas inclui ainda surubim pintado, nativo da bacia do Mato Grosso; tilápia, tucunaré, tambaqui e grumatá, camarão da malásia, além da temível piranha.

A pesquisadora Márcia Vanacor, especialista em recursos pesqueiros, afirmou que a maioria das novas espécies são extremamente dominantes, ou seja, que levam a melhor na disputa pelos alimentos disponíveis com os peixes da região, possibilitando sua proliferação mais rápida.

"A gente não sabe mais que espécie de peixe pode cair na rede", comentou o pescador Arnaldo Alves dos Santos, 71 anos, que desde criança pesca na foz do Rio Doce. Ele afirma que algumas espécies foram introduzidas voluntariamente no rio e que outras escaparam de barragens que se romperam durante as enchentes registradas na bacia do manancial.

Extinção. Segundo Arnaldo, enquanto novas espécies aparecem os peixes nativos estão sumindo. Ele cita, por exemplo, a tainha, que predominava na região, agora é raramente encontrada. E o robalo, o peixe mais cobiçado pelos pescadores esportivos e profissionais, também já está desaparecendo.

O pescador Leonardo Carlos, o Cacau, 61 anos, que também desenvolve suas atividades na foz do Rio Doce, revela-se preocupado com o futuro da pesca no manancial. "Não sabemos o que poderá acontecer daqui pra frente", enfatizou.

Entre as novas espécies a piranha é a que foi introduzida a mais tempo no rio, após a enchente de 1979. Os surubins, pescados no Rio Doce, não pesam mais de cinco quilos. Na Bacia Amazônica chegam a ter 25 quilos.

### As novas espécies do Rio Doce

Bagre-africano. Peixe nativo da África. Ocorre em rios, lagos e brejos de água doce, mas também podem sobreviver em água salobra. Alimentam-se de crustáceos, insetos e vegetais e, principalmente de peixes pequenos

Surubim. Peixe de hábitos noturnos nativo da Amazônia. Pode ser criado em grandes reservatórios de água. Peixe de carne nobre, sem espinhos

Tilápia. Foi introduzido no Brasil em 1953. É originária da República do Congo, na África. Os especialistas não recomendam sua disseminação em grandes áreas porque se multiplicam muito rapidamente, dificultando a introdução de outras espécies

Piranha. Peixe típico das águas da Amazônia. Mordedor e perigosíssimo na hora de manusear. A piranha vermelha é a espécie mais comum

Tucunaré. Peixe oriundo da Bacia Amazônica. Trata-se de uma espécie altamente carnívora. É o predador da piranha

Grumatá. Apesar da presença espécie ser comum nos rios do Brasil no Rio Doce começou a aparecer a cerca de 10 anos. Seu corpo é totalmente revestido de escamas. Algumas espécies alcançam até oito quilos.

Fonte de pesquisa: Márcia Vanacor, pesquisadora de aquicultura e recursos pesqueiros do Incaper .



Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental  
[www.institutohorus.org.br](http://www.institutohorus.org.br)